

# As Identidades Juvenis Rurais nos Trânsitos Migratórios

[Avance de investigación en curso]  
GT 09: Estrutura Social, dinâmica demográfica e migrações.

Maria Aparecida Milanez Cavalcante<sup>1</sup>  
Valéria Silva<sup>2</sup>

## Resumo:

Investigação desenvolvida na localidade rural São Mateus, no município de Castelo do Piauí-PI, Brasil, junto a jovens rurais que realizam migração temporária para as regiões Sul e Sudeste, com inserção no setor da construção civil. O auxílio da etnografia, entrevista grupal, fotografia e diário de campo permitiram ver que no caso em estudo são tecidas redes nos processos migratórios marcados pelo trabalho pesado, pelo estranhamento ao frenesi urbano e pela escassez de trocas igualitárias do rural/urbano. No trânsito migratório os jovens acessam a remuneração do mercado, o consumo global juvenil urbano. No retorno, alteram os modos de vida e as dinâmicas dos territórios locais, instalando a pluriatividade, flexibilização das hierarquias familiares rurais e a modificação das relações com a terra.

**Palavras-chave:** Identidades Juvenis. Migração Temporária. Trabalho

## 1 Introdução

Este artigo parte dos contatos iniciais com o campo da pesquisa e das reflexões daí decorrentes, e ainda em andamento, no contexto da investigação acerca das identidades juvenis rurais, realizada junto aos jovens da localidade Rural São Mateus, município de Castelo do Piauí-PI, os quais realizam migração temporária para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, em especial para o estado de São Paulo. Os destinos migratórios juvenis rurais são impulsionados pela inserção no mundo do trabalho, sob a racionalidade do capital, expresso no setor da construção civil.

Castelo do Piauí possui população total de 18.329 habitantes, sendo 11.470 localizados na zona urbana e 6.859 habitantes na zona rural (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 2010), caracterizada como um “pequeno município rural” (Wanderley, 2009) quanto à escassez de bens e serviços que possam suprir as necessidades locais de trabalho, saúde, educação e lazer. Por outro lado, o município se destaca economicamente com atividades voltadas para o turismo, associado à agroindústria canavieira, com produção de cachaça, e o eco-turismo de iniciativa da administração pública local e setor privado. Também, faz parte da economia local a exploração mineral, com a presença de empresa multinacional, comércios e agricultura de abastecimento. Desta maneira, na dinâmica municipal são encontradas características ambientais, econômicas, sociais e culturais que dificultam separar o rural do urbano, uma vez que são realizados trânsitos e trocas de agentes, acenando muito mais para a complementaridade de contextos, processos e valores partilhados. O constante movimento de trabalhadores é uma prática comum no Nordeste brasileiro, tanto para os grandes centros, para atividades ditas urbanas, quanto para a *plantation* canavieira no estado do Pernambuco e São Paulo e ainda para o agronegócio praticado nos estados do Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Piauí. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia Política. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFPI.

Grosso, Pará, Maranhão, Bahia e Piauí. Este ocupa o terceiro lugar dos estados em que vivem situação de migração, ficando apenas atrás do Maranhão e Alagoas, segundo dados do IBGE. Nos últimos cinco anos, mais de 140 mil pessoas deixaram o estado do Piauí em busca de emprego, tensionadas pela recorrente estiagem (<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/08/seca-no-piaui-provoca-aumento-no-numero-de-retirantes.html>). A seca nordestina, fenômeno secular, ainda se faz presente e causando hoje as mesmas consequências de dantes, embora atualmente se trate de uma sociedade considerada moderna.

No geral, a migração consolida-se como prática de reprodução social, estimulada pela escassez de bens e serviços locais; pelos problemas causados pela seca, em face das desigualdades de distribuição de terra; ausência de crédito para atividades agrícolas e agrárias; quanto pelas rotinas migratórias que vão se consolidando enquanto práticas culturais, de experiência passada de geração a geração (Menezes, 2002 e Woortmann, 1990). Essa realidade também se apoia na permanência de um “corredor migratório” (Cavalcante e Silva, 2013), caracterizado pela construção de relações e plasticidades adotadas durante os deslocamentos, recurso que permite o acesso, a prática e a dominação de códigos entre ‘agenciadores’, ‘viajantes’ e ‘migrantes’. Os trânsitos de pessoas e com elas códigos culturais do urbano e do rural tem sido um marcador identitário do campo em estudo, expresso no circular semanal de viajantes em ônibus ‘clandestinos’ no trecho Castelo do Piauí - São Paulo.

Para chegar aos destinos os jovens locais acionam a rede migratória que envolve parentes, amigos que migraram em décadas anteriores, para articulação de moradia e emprego. Nestes novos ambientes, os jovens encontram a ‘metrópole’, com diferenças culturais que põem desafios diários para a codificação da nova realidade. É um novo espaço-tempo da casa, da rua, do trabalho, do lazer. O novo que os interpela lhes provoca uma ‘antropofagia’ dos códigos ancestrais e, ao mesmo tempo, a busca de alinhamento aos códigos ora hegemônicos, até que façam o retorno ao local de origem novamente. Neste percurso, o que foi deixado para traz coaduna-se a outros sentidos, para permitir o encontro de novos lugares identitários.

## **2 As juventudes rurais e os projetos de autonomia**

Os esforços realizados para definir as juventudes colhem alguns êxitos, sem, no entanto esgotar o assunto. Na complexidade em que se apresentam as sociedades e as culturas, pensar as juventudes é observar suas dinâmicas internas e externas, suas condições e relações com o mundo, bem como as próprias concepções juvenis sobre o fenômeno. Alguns estudos norteiam a observação das juventudes pensando-as como fase da vida e em diferentes situações culturais juvenis (Pais, 2003). A categoria também aparece articulada com a classe social de origem, o gênero, a moratória social e vital (Margulis e Urresti, 2000). Tratando da especificidade dos jovens com relação às suas territorialidades, estudos *in loco* têm apontado atributos que melhor delineiam a compreensão do ser jovem rural, como subjetividades ancoradas nas práticas laborais, “menos sujeitos à volatilidade do mundo contemporâneo” (Silva, 2011), “conservação de um encantamento do mundo” (Silva, 2012), e que carregam o peso da “posição hierárquica” (Castro, 2011), em um contexto ainda marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar. Ancoradas nestes pressupostos analisamos os discursos realizados pelos jovens locais em entrevistas grupais sobre suas percepções e trajetórias identitárias.

As juventudes rurais da qual falamos vivencia a proximidade com a natureza e manejo da terra, ancoragem familiar e comunitária. Este último aspecto segue sedimentando as relações de interconhecimento construídas nos trânsitos migratórios, mecanismos vistos como estratégias de casamento, constituição de patrimônio, novas migrações (Wanderley, 2007), apresentando a responsabilidade como atributo moral. Nestas construções, as juventudes rurais também elaboram

projetos de autonomia, de acesso à renda, capitalização de recursos, bens e consumo, lazer que contribuem para o surgimento de “novas mentalidades” (Carneiro, 2007), identidades e territorialidades.

Nesses interstícios do ser e do produzir as juventudes rurais habitam zonas fronteiriças entre o urbano e o rural, enfrentando situações de desigualdades sociais, de ‘ausência’ de educação e saúde, medo do desconhecido. Vivenciam o estigma por serem pobres e adotarem comportamentos não reconhecidos socialmente; o trabalho pesado e penoso e maiores dificuldades de acesso ao lazer. Estas situações interpelam as juventudes rurais a mudarem as formas de produção e consumo, localizando maneiras que melhor dialoguem com a cultura etnocêntrica, global e hegemônica.

Conforme encontrou Silva (2011), também para esses jovens a ‘cidade’, ao ser vista como espaço de ‘conhecimento’, do ‘estudo’, das ‘novidades’, da centralização do poder, de maiores possibilidades de combinação entre educação e trabalho, é apresentada como lugar ‘vantajoso’, enquanto o rural é visto como ‘desvantajoso’. Por outro lado, o rural passa a ser considerado como ‘vantajoso’ pelas juventudes quanto ao ‘sossego’, ‘trânsitos nos territórios das casas’, a liberdade em detrimento da ‘privação’ encontrada na cidade, permanência de relações de proximidade e interconhecimento. Desta maneira, as juventudes das quais falamos constroem projetos e experiências de lugar em que seja possível “o melhor dos dois mundos” (Carneiro, 2007), estabelecer um trânsito como maior plasticidade entre o local/global e o rural/urbano:

O jovem da zona rural tem a vida mais **‘puxada’**, daí já vem a questão de a gente sair, ir pra São Paulo. Assim, porque a vida aqui é mais puxada. Desde cedo a gente já começa a pegar no **pesado** e tal. É diferente dos jovens da zona urbana, porque já tem aquela criação mais exemplar, investe mais no estudo, coisa que muitas vezes nós, da zona rural, tem menor oportunidade. (Felipe, grifos nossos).

O **modo de falar**. Quando o cara chega assim o povo olha e diz ‘é da zona rural, não sabe nem falar, não sabe nem sentar’. (Francisco, grifos nossos).

[...] Às vezes, até tem a sorte de estudar também, mas aí os pais, às vezes, não podem pagar. Aí, a maioria dos jovens da zona rural não suporta e **cai no mundo atrás de emprego**. E isso deveria o governo ajudar a fazer alguma fonte de emprego no Piauí, porque no Piauí é muito fraco. A maioria das pessoas estão migrando pra São Paulo. Lá onde eu morava só tinha gente daqui do Piauí [...]. (André) (grifos nossos).

**Jovem urbano é o centro de tudo, né?** Ele tem tudo nas mãos, tem tudo nas mãos para conseguir as coisas. É bem educado. Tipo, a gente tem uma educação muito boa também, mas como eles não. O jeito de se comportar, o jeito de falar. Tipo, se a gente se for se empregar uma loja em São Paulo, não pega [não emprega]. Essas gentilezas, alguma coisa assim pra falar, nós não pega, porque a **maioria do pessoal da zona rural vai pra obra** [construção civil] (André, grifos nossos).

Todos os **benefícios** [bens e serviços públicos] vêm pra cidade. **O interior é sempre sem importância, falta recurso** para o interior, **falta mais oportunidade**. Todos os benefícios que tem, é na cidade. No interior não tem um benefício, o interior é sempre descartado, vem sempre as coisas sem importância. (André, grifos nossos).

No cotidiano local as juventudes, ‘desde cedo’, participam do processo de socialização por meio da agricultura de provisionamento, práticas religiosas, dos ambientes e territórios que demarcam relações hierárquicas nos sistemas de produção e decisão. Essa realidade tem instigado as juventudes na construção de projetos de autonomia, capitalização de recursos, estratégia de casamento, estabelecimento de pluriatividade. Por outro lado, com a escassez relativa que vivenciam, expressa também na ‘ausência’ de um crédito temporal a mais para a formação, associado à condição de classe e posição do espaço social, os conflitos intergeracionais são deslocados para o projeto individual e se

diluem num processo de transição que também envolve a participação direta no mercado de consumo: ‘No começo ela [mãe] não queria, não [que migrasse para São Paulo]. Mas, aí ela disse que não podia dar o que eu queria [motocicleta]. Aí, por isso que ela liberou para eu ir atrás do que eu queria (Diego).

Se por um lado há a existência de uma hierarquia familiar, participação da dinâmica de produção familiar, propriedade e não propriedade da terra, e socialização das crianças por meio do trabalho caracterizando racionalidades de um modo de vida local, por outro lado, a pequena produção familiar, não alcança as necessidades de consumo elaboradas pelos jovens. Tal realidade os ‘obriga’ a migrar e, por vezes, abdicar de construir um projeto coletivo familiar em torno da agricultura de abastecimento e da criação de animais (gado vacum, caprinos, ovinos). Dentro da própria localidade, encontramos diversidades juvenis, diferenciadas pelas condições de possuir ou não um núcleo familiar com propriedade de terra, vivenciando o trabalho precarizado ou em parceria:

Meus pais mexiam mais era com o gado, criação. Só pra você ter uma ideia: eu passei oito meses no sítio de criação mais meu irmão. Nesses oito meses deu só quatro crias. Só. Pra cada um, dois pra cada um. A gente: ‘Nossa! O que nós vamos fazer aqui? Tá com oito meses da minha vida, oito meses pra ganhar a vida com criação. Isso não dá pra mim, não. Desse jeito aqui, não vai me levar pra frente, não’. Só ganha o dono da criação, né? Aí, eu fui pensar assim, ‘rapaz, vou pra São Paulo’. (André)

Eu comecei a trabalhar na roça mesmo com sete anos de idade, trabalhar com o meu pai, minha mãe. [...]. Aos doze anos eu comecei. [...] Eu cuidei de um gado, eu tomava conta, eu mais o meu irmão. A gente cuidou do gado ‘dele’ [dono] durante uns 3 meses, quatro meses. Tinha um tio que a gente começou a trabalhar com ele, ele tinha gado, ovelha. Aí, tem aquele negócio. De tudo a gente entende um pouco, não vamos dizer que a gente entende tudo, tudo, tudo cem por cento, não. A gente entende um pouco, o básico. Agora de roça, de roça é mais ou menos cem por cento, porque é convivência nossa mesmo. (Felipe)

Quanto às jovens da localidade, geralmente vivenciam as rotinas do ambiente privado, da casa, na socialização na produção doméstica e demais dinâmicas voltadas ao preparo para o casamento. Nos trânsitos que estabelecem, em vista da menor distância física da sede do município, combinam projetos de educação e de trabalho, em condições precarizadas, sem garantias trabalhistas. Por outro lado, ocupam posição de namoradas dos jovens que vivem no “corredor migratório”, contribuindo para a estratégia de migração de retorno e reprodução social no local de pertença.

A permanência dos jovens em trânsito, lhes confere um constante fluir de negociações sobre os lugares de sentidos, onde deslocam espaços, tornando as fronteiras móveis e elaborando identidades de “oportunidades” e de “projetos” (Hall, 2000 e Velho, 2003), de natureza temporária e transitória, tanto no lugar de origem, quanto no lugar de chegada. Nos trânsitos temporários ainda aparecem a família e o lugar de origem nos projetos juvenis, o que contribui para a costura de projetos coletivos, porém com a adoção de novos códigos, adquiridos nos processos migratórios, diversos da agricultura de abastecimento. O trabalho também é deslocado, gerando um território pluriativo economicamente. A partir do investimento em comércios, mobilidades motorizadas, novos produtos e tecnologias, quem retorna ajuda a modificar o modo de vida assentado no consumo local.

Tais inserções também contribuem para mudanças na mentalidade dos locais, em especial dos jovens, sobre trabalho, adiamentos de projetos de casamentos, como no depoimento:

‘sabe, o cara é jovem e tal, mas o cara é jovem, mas vai passar para adulto, dependendo do casamento, porque ele vai ter uma responsabilidade e tal, não só por ele. Vai ter responsabilidade por ele e pela pessoa que vai estar ao lado dele’(Felipe).

‘Responsabilidade’ para os jovens locais está associada à ética do trabalho como valor constitutivo de honra e honestidade, de organização da vida e também no sentido moral de prover o núcleo familiar.

### 3. Ajudante não é profissão: vivências juvenis rurais nos destinos migratórios

Os processos migratórios os quais vivenciam as juventudes rurais tensionadas entre o “ficar” e o “sair” (Castro, 2011) em decorrência das questões apontadas anteriormente, recriam novos sentidos e identidades juvenis expressos na circulação de novos estilos e consumos, ressignificando a relação das juventudes rurais com seus lugares, família e trabalho. “São Paulo” como apontou Woortmann (1990) foi construído como lugar imaginário dos destinos migratórios, seja para a construção civil, seja para a *plantation* canavieira, em que possível ter ‘ganho certo’. “Quem é o jovem que quer ganhar alguma coisa, se ele bem pensar, o lugar dele ganhar alguma coisa no futuro, se ele souber pensar, e quiser ganhar alguma coisa na vida, e quiser trabalhar, é São Paulo.” (Felipe).

No cotidiano dos jovens as materialidades e sentidos do trabalho, flexível e complexo, também sofrem modificações. A racionalização, ordenamento; tempos e espaços controlados por outros mecanismos, associados à reestruturação da produção. Tal forma de produção provoca formas de alienação, de estranhamento (Antunes, 2007), pois, uma vez ocupando a extensão dos processos cotidianos, não se sabe mais onde começa e onde termina a produção, bem como desconhece-se a complexidade do processo produtivo e seus resultantes. São também deslocados os códigos partilhados no novo trabalho, diferente daquele de origem, exigindo novas compreensões e habilidades, (‘a cobrança era um negócio chato’); além de manuseio de novos instrumentos de trabalho (talhadeira, rejunte, silicone, argamassa etc.).

Outro aspecto a considerar é a nova ambientação, que lhes exige saber conviver com dinâmicas metropolitanas, sendo expostos às problemáticas comuns dos destinos migratórios, como a violência, a privação, o desemprego, a xenofobia articulados à estratégia de trabalho do capital excludente e suas diversas consequências.

[...] Chegava sete horas e começava umas sete e meia. Antes de a gente ‘coisar’, [começar o trabalho] já tem escalado, já. ‘Ó! Você faz isso, e só pode sair de lá quando fizer.’. Aí, tinha gente que dizia ‘ah! rapaz eu vou pra aquele serviço sozinho? É tão ruim, é pesado, sozinho.’. Aí, o cara diz: ‘tu toma o teu serviço. Não é pra você terminar em um prazo certo; eu quero que você faça o serviço. Pode passar um ano, dois anos, mas eu quero que você faça aquele serviço. (André)

Quando o cara trabalha em uma empresa é cobrança por todo lugar. Tem cobrança de engenheiro, tem cobrança de mestre de obra, tem cobrança de encarregado [...] O primeiro que sai logo é o engenheiro e o mestre de obra que fica no pé dizendo que não fez direito. Aí vai ter que desmanchar, se o cara não souber, é mandado embora, porque ele não vai contratar uma pessoa que não sabe fazer nada. (André).

Como perceptível, na narrativa dos jovens estão expostas as diversas racionalidades de trabalho: as que deixam no local de origem, as que têm de incorporar para retraduzir-se em novos profissionais dos ambientes transitórios. Ali também as ‘garantias’, trabalhistas ou não, como carteira assinada, jornada de trabalho de oito horas diárias e construção de um lugar simbólico no espaço de trabalho, são borradas pelo não reconhecimento e não-lugar produzido. Para os jovens neófitos, este espaço de trabalho aparece mais embaçado diante do sistema de hierarquia existente no setor da construção civil, em torno das identidades profissionais, como engenheiros, arquitetos, mestre-de-obra, pedreiro, armador, pintor etc. Além dos descolamentos culturais, os neófitos, na função de ‘ajudante’, ocupam um não-lugar, um espaço carente de reconhecimento profissional. Como agravante, as tarefas do ‘ajudante’ são consideradas mais pesadas que o serviço da ‘roça’, quase sempre implicando em jornadas exaustivas. Por outro lado, observa-se um acionamento dos discursos sobre a memória dos

processos produtivos do ambiente de origem para a realização de negociações no ambiente de chegada, o que também contribui para a construção de uma resistência identitária.

Vai começar de ajudante. Se você já não tiver um serviço trabalhado já na carteira [carteira trabalhista], você não é ninguém, Vai ser ajudante e ser ajudante não é nada. Ajudante não é profissão. Ajudante tá ali pra ajudante, ajudante, fazer tudo. [...] Porque o ajudante não tem serviço certo. Ele vai fazer o que tiver pra arrumar, quebrar parede, quebrar concreto com martetele que... ave maria, já sofri demais com martetele já, que eu nem sei que explicar mais... (André)

Traz o ponteiro também!’ - Aí eu olhei, ‘mas o que é que é o ponteiro?’- ‘É esse aqui?’ Ele disse: ‘é, então traz aí’. Aí, o cara: ‘não, você não sabe de nada!’ Aí, eu: ‘não mano, mas é a primeira vez que tô trabalhando em obra. Lá eu trabalhava na roça. Se você me pergunta como é que broca, como que derruba, como é que faz pra queimar e pra cercar, pergunta qualquer coisa que eu sei. [...] Eu sei limpar, brocar, derrubar. Isso aí tudo eu sei, não precisa eu aprender mais. Eu já aprendi há tempos atrás, com meu pai. E lá não. Você tem uma cobrança, que você chega perdido, sem saber nada. Eu passei uma semana todo mundo me dizendo: ‘rapaz faz isso, vá pegar uma ferramenta’. Que ferramenta? [...] Eu não sei qual é essa ferramenta. (Felipe).

O salário já é pouco, já. Aí, vêm os descontos, a gente não fica com uns seiscentos reais. Aí, o cara chega lá pra fazer hora [hora-extra]. Eu fui lá fazer hora para trabalhar, de domingo a domingo. Aí, o cara dizia – ‘rapaz, tem um serviço aí sábado’ - ai eu dizia – ‘é eu que vou, é eu que vou’. Aí, nós se tacava, de não sei pra onde diabo lá, cavar fossa. (André).

Se a pessoa me chamar: ‘Rapaz vamos trabalhar nisso’. ‘Rapaz eu vou’. Aí eu vou. Aí o rapaz diz: ‘quanto é?’ - Ai eu digo ‘não é nada não, eu vim mesmo só pra ajudar, mesmo’. Aí eu não quero vir outro dia, eu vim pra ajudar e não pra cobrar. Vou cobrar vinte e cinco reais de uma pessoa que esta precisando ou vinte reais de uma pessoa que... eu não tô precisando? (André).

As narrativas evidenciam realidades de trabalho e de vidas cambiantes, metamorfoseadas; deslocadas do convívio com a natureza e a comunidade para o ambiente do concreto armado e da impessoalidade urbana. Ali, novos conhecimentos, dinâmicas, códigos e racionalidades precisam ser incorporados. Dessa maneira, ao decidir partir, as juventudes locais ficarão tensionadas entre o ‘ficar’ - sob o domínio de hierarquia familiar, maior isolamento, escassez, expropriação da terra – e o ‘sair’ – que os leva à perda do encantamento do mundo, ao trabalho degradante e mal remunerado. Nos deslizamentos em ambientes transitórios, novas realidades são encontradas pelos sujeitos, no campo das tecnologias, do acesso a consumo, estilos esses incorporados para a construção de âncoras nos locais de origem, na migração de retorno.

#### **4. Jovens rurais em trânsitos: traduções identitárias e novos sentidos territoriais**

Das questões desencadeadas pelo projeto de modernidade, chama a atenção as relações sociais que, desencaixadas localmente, se reestruturam em contexto de relações global/local. São retiradas do isolamento relativo que constituíam. Coloca-se em questão a perda da radicalização das culturas locais e da identidade definida de forma simplificada ou fixa, a qual tem como referência a “ascendência e local de pertencimento”. Ou seja, um sistema de “ancoragens” (Silva, 2011) como família, religião, região, que antes definiam as identidades, na atualidade são interpeladas pela sempre presente “interculturalidade” (Canclini, 2009).

Nas relações de troca constante, principalmente nos processos de deslocamentos em que se leva e se traz conhecimento, valores, bens materiais, que influenciam e são influenciados por locais e pelos novos sistemas de ancoragens, são construídos nos trânsitos realizados pelos atores sociais, tornando-se ambivalentes, cambiantes e em “performatividade” (Silva, 2000).

Vivendo em trânsito, buscam costurar projetos que garantam tanto a realização material, quanto a permanência de valores e sociabilidades no local de origem. Assim, as construções interativas de possibilidades também são tecidas entre precariedade de produção e realizações de consumo, constituindo “novas mentalidades” (Carneiro, 2007). Ao retornar, impulsionados pelo conhecimento adquirido, principalmente nos ambientes de trabalho, os jovens são retraduzidos a partir da ‘conquista material’ e ‘autonomia’ e habilitados a transitar para além da casa e da localidade com maior rapidez e facilidade. O maior ‘conhecimento do mundo’, cria certo status local, mas também conflitos geracionais e comunitários, quando, no ambiente familiar são vistos como ‘os bestas’, ‘os tais’, ‘os falantes’.

Quando do retorno, os novos códigos incorporados pelos jovens explodem e, capilarizados, modificam os territórios locais, os ambientes, a arquitetura das casas, as relações afetivas, a inserção na pluriatividade e flexibilidade da hierarquia familiar. Dão lugar a novas relações com o trabalho com a agricultura, deixando este de fazer parte do projeto individual de trabalho e passando a ser considerado apenas como ambiente de socialização junto aos locais.

O cara sai daqui só com um plano, só. Nós vamos trabalhar, nós vamos sair daqui, nós vamos ganhar dinheiro, nós vamos comprar uma moto. Só que quando chegamos em São Paulo, nós já não temos só um plano, nós já temos uns mil planos na cabeça, chega o sangue ferve. O cara ver carro, o cara ver uma moto que nunca viu, quer comprar. O cara ver uma bolsa moderna, o cara quer, vai comprar. E aí pronto. Vai crescendo os olhos e vai mudando (Francisco).

Quando a gente vai pra lá a gente pega bem mais crescimento das coisas, a gente chega aqui, que é na questão que ele falou aqui, a gente quer fazer casinha na laje, quer mexer com viga, essas coisas, pra dar uma segurança. Aí, às vezes as pessoas falando – “fulano é besta, chega todo se achando, quer fazer uma casa chique, todo importante e se achando o tal”. (Felipe).

Em um terreno só, você vai ter três casas, uma em cima da outra. Pode ser para um conhecido seu, alguma pessoa morar. A pessoa estrói [não aproveita] o terreno com pouca coisa, faz uma casona bem grandona de telha, mas não faz uma fundação que preste, pra você subir outra em cima. Aí, só pensa naquela casa. Não pode subir, fazer um quartinho pra dar para o filho quando casar, quando vir as pessoas conhecidas da família passear, não pensa nisso. (Felipe).

Nos destinos migratórios, também são incorporados signos, a partir dos ambientes de sociabilidade com outras juventudes consideradas urbanos, o que os inspira modificações nos hábitos, nas vestes, no uso do corpo, novos estilos que, por fim, permitem novas trocas no processo de construção de novas ancoragens identitárias. Assim surgem os brincos, tatuagens, roupas diferentes, novas práticas de consumo e lazer, sedimentando e dando novos contornos às identidades juvenis rurais. No retorno, estes atributos são conferidos pelos locais, e negociados entre jovens e comunidade e entre os próprios jovens, por isso, falamos material e simbolicamente de juventudes rurais.

Assim, os grupos juvenis rurais em trânsito são diferenciados por alguns códigos, que anunciam em signos e significados o que vem ser a complexidade rural/urbana no contexto juvenil.

Aqui não, celular pra mim, eu falo mais é com minha cunhada. Dificilmente, depois quando eu cheguei [São Mateus]. Agora em São Paulo não, é fundamental. E internet eu uso mais é para entrar no ‘face’ [facebook], essas coisas assim. [...] Eu, às vezes, eu uso [...] o celular para me comunicar com alguém pelo ‘face’, ou quando pego muito trânsito, estou no trânsito pra avisar: ‘olha não esquenta que eu já estou indo’. É fundamental. (Felipe).

Pra mim, dando pra falar [celular] tá bom demais, já. Compro celular que dê pra falar, não precisa ter luxo no celular, não precisa. Normal. (Fernando).

A minha tatuagem, tem gente que tem preconceito, falava: ‘que toda família tem que ter uma mais ruim, não é? [risos] E aquele dali não presta, daquela casa. Os outros nunca fizeram tatuagem, não gosta de brinco, ele não, ele já gosta.’. Sempre ‘rola’ o preconceito, né? Ah! Sei

lá. Eu sou uma pessoa mais moderna, gosto de me arrumar, usar ‘estilo’, usar coisa diferente, que tem gente aqui do interior que não gosta. Tipo da cidade, que já gosta de usar um estilo, que acompanha [moda]. Aqui não, o ‘estilo’ que vem é, tipo, um só, né? (Miguel).

Primeiro veio um pra cá, jogava bola, a gente ficava admirado, olhando a tatuagem dele. Aí eu comecei a gostar, achava bonito o estilo dele, sabe? (Miguel).

Por outro lado, as práticas recentes associadas aos valores familiares e comunitários sinalizam permanências identitárias locais, costurando, valorativamente, uma possibilidade de retorno. Ao voltar, os jovens buscam combinar conhecimentos e códigos adquiridos nos trânsitos com valores e cultura local, de maneira a garantir um lugar, mesmo que transitório junto à rede de parentesco, amizades, namoros, ambientes etc, produzindo discursos que negociam uma identidade cambiante, assentada em projetos. “É, prefiro também ser rural, porque é de onde eu vim, eu não quero deixar minhas raízes, as minha raízes pra trás, como lixo.” (Felipe).

## 5 Considerações Finais

No trânsito migratório os jovens vivenciam novas sociabilidades e novas racionalidades de trabalho. Embora lhes permitam acessam à remuneração de mercado e a certo consumo, inclusive o consumo tido como global juvenil urbano, as atividades desenvolvidas, são experiências precárias e não-reconhecidas profissional e socialmente.

Nas novas sociabilidades partilham novos estilos e estéticas, adotam as informações midiáticas e incorporam a liberdade e a mobilidade como novos valores de suas vidas. No retorno, modificados por dentro e por fora, alteram os modos de vida e dinâmicas territoriais locais, contribuindo para o desencadeamento da alteração dos padrões de relacionamento, da pluriatividade, da flexibilização das hierarquias familiares rurais e a modificação das relações com a terra.

Desse modo, os grupos de jovens migrantes temporários influenciam nas dinâmicas locais, a partir do capital social e cultural adquirido, motivo de orgulho, que os distingue dos que permanecem no local, apresentado como código–sinônimo de conhecimento, vivência e ‘domínio do mundo’ reconhecidos enquanto distinção de *status* dos migrantes ante os que não migram.

Na circulação de códigos culturais nas conexões globais-locais e rurais-urbanas efetivadas são exigidas dos jovens rurais permutas e negociações constantes. Assim, ressignificam os trânsitos simbólicos, posto que o contato com diversos códigos culturais enseja novas práticas sociais e faz surgir novos atributos identitários. Nos destinos operam uma “antropofagia” dos códigos ancestrais e efetivam o alinhamento aos códigos hegemônicos para, no retorno, negociarem a ‘bagagem’ da migração com os valores e práticas locais, a fim de reconstruírem seu lugar no território de pertença.

O estudo sugere que dos jovens rurais em contexto de migração temporária é exigido permanente diálogo com o passado das tradições e o futuro das possibilidades. É nesse contexto que seguem na construção e reconstrução percursos identitários e identidades ambíguas, cambiantes, também interpeladas pelos novos contornos rurais-urbanos e globais-locais.

## Bibliografia:

Antunes, Ricardo (2007). *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. (12º Ed). São Paulo: Cortez.

Canclini, Néstor García. *A cultura extraviada nas suas definições* (2009). *Diferentes Desiguais e Desconectados: mapas e interculturalidades*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, (p. 36-53).



Carneiro, Maria José (2007). Juventude e novas mentalidades no cenário rural. Carneiro, Maria José e Castro, Elisa Guaraná de (org). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, (p. 53-66).

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate*. Recuperado em 25 de outubro de 2011 <[www.alasru.org/wp-content/uploads/.../2-GT-Elisa-Guaraná-de-Castro.doc](http://www.alasru.org/wp-content/uploads/.../2-GT-Elisa-Guaraná-de-Castro.doc)

Cavalcante, Maria Aparecida M., Silva, Marlúcia V (2013). Migração juvenil em Castelo do Piauí: parte-se para voltar? *IV REA, XIII ABANNE: Saberes locais e experiências transnacionais/interfaces do fazer antropológico*. Fortaleza, CE.

Portal G1. *Em cinco anos, mais de 150 mil já deixaram o Piauí por conta da seca*. Recuperado em 12 de agosto de 2013 de <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/08/em-cinco-anos-mais-de-150-mil-ja-deixaram-o-piaui-por-conta-da-seca.html>

Portal G1. *Seca no Piauí provoca aumento no número de retirantes*. Recuperado em 12 de agosto de 2013 de <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/08/seca-no-piaui-provoca-aumento-no-numero-de-retirantes.html>

Portal G 1. *Seca provoca o aumento do número de retirante no Piauí*. Recuperado em 12 de agosto de 2013 de <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/seca-provoca-aumento-do-numero-de-retirantes-no-piaui/2753431/>

Hall, Stuart (2000). *A identidade e a cultura na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. (4º Ed). Rio de Janeiro: DP&L.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: Sinopse*. Recuperado em 12 de agosto de 2013 de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=220260&idtema=1&search=piaui|castelo-do-piaui|censo-demografico-2010:-sinopse->

Menezes, Marilda A (2002). *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses- migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa, PB: EDUFPB.

Silva, Marlúcia Valéria da (2011). *Pisando em terra firme(?)*: identidades juvenis e reprodução social na localidade rural Roça Nova, Sebastião Leal-PI. Relatório de pós-doutoramento [2011]. 175 f. (CPDA-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: 2011. (175 p).

Silva, Marlúcia Valéria da. Diálogos Juvenis no Sudoeste Piauiense: as juventudes, o rural e a cidade. (2012, setembro). *XV Encontro de Ciências Sociais do Norte/Nordeste e Pré-Alas Brasil*. Teresina-PI. GT19 - Juventudes, territorialidades e identidades. Recuperado em 9 de dezembro de 2012, do sítio web <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT19-12.pdf>

Silva, Tomaz Tadeu da (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, (p. 73-101).

Velho, Gilberto (2003). *Projetos e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. (3º ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Wanderley, Maria de Nazareth B (2009). *O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Wanderley, Maria de Nazareth B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In. CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (org). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. (p. 21-33).

Woortmann, Klaas (2009). Migração, Família e Campesinato (1990). WELCH, Clifford Andrew (Org). *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural.